



ISSN 1981 - 3031

JOGOS COOPERATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Carolina Amâncio Duarte (UFAL)

Loly_duarte@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão teórico - metodológica acerca da temática Jogos Cooperativos na Educação Infantil no processo de ensino aprendizagem. Busca demonstrar a necessidade de se pensar a prática pedagógica no trabalho com criança em seus múltiplos aspectos, nos aspectos biológicos, sociais, afetivos, cognitivos e emocionais. Toma como referencial teórico os autores: Brotto (1999), Soller (2008), Mead (1961), Brown (1994) e Orlick (1978). A metodologia adotada baseia-se na pesquisa bibliográfica e de campo na perspectiva qualitativa, tendo como instrumentos questionários aplicados em duas instituições de ensino na rede privada da cidade de Maceió, no estado de Alagoas, as quais foram escolhidas a partir da identificação de uma delas se autodenominar cooperativa e da outra pelo fácil acesso e por não apresentar um trabalho com jogos cooperativos o que permitiu uma análise comparativa mais consistente. O presente trabalho aborda o tema competição versus cooperação. E em anexo seguem além de quadros, o questionário aplicado em duas escolas a fim de saber o conhecimento por parte dos educadores a cerca dos jogos cooperativos, uma vez que o mesmo é fruto de um trabalho de conclusão de curso, o qual trata da análise dos dados e informações colhidas através da pesquisa de campo, no qual pudemos constatar, entre os resultados, a falta de conhecimento por parte da grande maioria dos educadores da educação infantil que foram sujeitos da pesquisa.

Palavras – chaves: jogos infantis, ensino – aprendizagem, cooperação.

A sociedade está enfrentando tempos de barbárie, de exclusão e de competição exagerada. A busca desenfreada pelo sucesso ou conquista de um objetivo está tornando

as pessoas cada vez mais preocupadas com seus interesses e muitas vezes usando de todas as maneiras, sejam elas honestas ou não, para conseguirem o que quer.

Segundo Orlick (1978, p.19), “Em nossa própria cultura somos sitiados pela competição. Recompensamos os vencedores e rejeitamos os perdedores”. A busca desenfreada para ultrapassar o outro não tem limites, o importante é fazer melhor, mesmo que isso implique em ter de usar da desonestidade em busca desse objetivo.

A preocupação com o outro, a solidariedade, o respeito e a cidadania vêm¹ sendo cada vez menos praticadas, e ensinadas à sociedade a qual estamos inseridos. Para Brown (1994, p. 13), “Aceitar a meta de ganhar como primordial faz com que a criança acredite que se possa trapacear, abusar e tudo que é preciso para alcançar esse objetivo”.

A busca pelo primeiro lugar é tida como objetivo principal independentemente da situação, seja ela, em simples jogos nas escolas ou nas disputas por vagas em universidades e empregos.

A valorização do primeiro colocado é nítida nas famílias e até em educadores que deixam-se levar pelas habilidades dos alunos em determinadas áreas, como se os outros fossem menos capazes de desenvolver essas atividades, sejam elas motoras, físicas ou cognitivas.

Entretanto, para que tenhamos um mundo melhor, precisamos ter a consciência participativa, ter união e acreditar que a melhoria começa dentro de nós. De acordo Mead *apud* Orlick (1978, p. 48) “É a estrutura social que determina se os membros de uma determinada sociedade irão competir ou cooperar entre si”.

A não valorização e desenvolvimento do grupo como um todo faz com que surjam as comparações e competições.

Diante disto, o problema da pesquisa aqui apresentada é como a cooperação tem sido abordada na escola de educação infantil na capital alagoana.

O não conhecimento por grande parte dos educadores da Educação Infantil em relação às atividades desenvolvidas através dos jogos cooperativos, em que as crianças desenvolvem conceitos como compartilhar, unir-se ao outro e ter confiança em si e nos colegas, nos fez sentir a necessidade de desenvolver esse trabalho a fim de despertar nos

¹ A escrita do presente trabalho de conclusão de curso segue as normas estabelecidas pela Reforma Ortográfica, Lei n.º 5765 de 18 de dezembro de 1971, uma vez que, mesmo sendo assinada em 29 de setembro de 2008 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a atual Reforma Ortográfica teve apenas a sua introdução em 1º de janeiro de 2009, sendo sua implantação total prevista para 2012.

pequenos a coragem para assumir riscos sem se preocuparem com o fracasso e o sucesso de si mesmos.

Entre os objetivos específicos estavam: Fazer o levantamento das escolas de Educação Infantil que trabalham com jogos cooperativos na cidade de Maceió; Aplicar um questionário em duas escolas a fim de verificar o conhecimento dos educadores nessa área; Caracterizar a formação docente das escolas que desenvolvem esse trabalho; Oferecer uma oficina a escola que não desenvolve essa temática e deixar sugestões de atividades de jogos cooperativos a fim de ressaltar a esses profissionais a relevância da valorização do ser humano favorecendo a reconstrução do conhecimento a partir de jogos que estimulem a participação de todos com um mesmo objetivo. Assim, o vencer e o perder se tornam apenas referências para o crescimento pessoal e coletivo. Todos ganham nessa abordagem.

Cooperação *versus* competição

“Ganhar não é tudo, mas perder não é nada.” (Charles Schultz)

“O segundo colocado é o primeiro perdedor.” (Nelson Piquet)

“Vencer não é tudo. É a única coisa.” (Henry “Red” Sanders)

Frases como essas são comuns nos momentos em que nos encontramos numa situação de competição.

A sociedade está cada vez mais competitiva, tentando ultrapassar o outro, fazer melhor, conquistar o primeiro lugar. ”Em nossa própria cultura somos sitiados pela competição. Recompensamos os vencedores e rejeitamos os perdedores”. (ORLICK, 1978 p.19).

As escolas por sua vez, também inseridas nesse contexto, trabalham a competição tentando evidenciar a forma sadia através da ludicidade, porém a cobrança da vitória está sempre presente e esta postura é facilmente reconhecida, por exemplo, na pergunta da diretora ao encontrar o time que retorna à escola após um jogo: “E então, ganharam ou perderam?” Assim também no pai que ao receber o filho em casa, após uma competição no clube, pergunta: “E ai filho, ganhou ou perdeu?”.

Em relação à competição, vários autores conceituam seus pontos positivos e negativos. Brotto (2006) coloca-se dizendo que “competição é um processo de interação social, cujos objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são isoladas ou em

oposição umas às outras, e os benefícios são concentrados somente para alguns”. Já Mead *apud* Brown, (1994 p. 13) define que competição é o ato de procurar ganhar o que outra pessoa está se esforçando para obter ao mesmo tempo. “Aceitar a meta de ganhar como primordial faz com que a criança acredite que se possa trapacear, abusar e tudo o que é preciso para alcançar esse objetivo.” (Brow, 1994 p.13)

A competição nas escolas é utilizada, como forma de motivar a participação dos alunos em atividades promovidas durante o ano, nas chamadas atividades integrativas e socializadoras, como por exemplo, os jogos internos. Tani (1988 p. 129) observa que, “Quando uma pessoa ou grupo tem como objetivo um melhor resultado em relação à outra pessoa ou grupo, é gerada a oposição. Esta poderá resultar em competição ou conflito”. Sendo assim, quando dois times, por exemplo, disputam pelo mesmo título, ocorre uma competição, pois haverá apenas um vencedor e esse dará o seu melhor para que o outro não consiga atingir o objetivo inicial o qual gera essa competição.

Muitas pessoas reforçam e/ou defendem a idéia de que é da natureza do homem competir. Apesar disso, Mead *apud* Soler (2008) provou que existem povos ancestrais que não pautam suas vidas pela competição. “E se encontro um único ser no planeta que não aja de forma competitiva, não posso afirmar que a competição seja inerente à espécie humana.” (Soler 2008, p. 47). Em suas pesquisas Mead *apud* Soler(2008) provou ainda que entre os índios Zuni e os iroquois a competição era desconhecida. Diante disso fica claro, que a cultura modifica os atos dos seres humanos tornando-o competitivo ou cooperativo.

Competição e cooperação são definidas pela estrutura social, não nascemos competindo ou cooperando, mas sim, aprendemos a agir destas duas formas. Podemos dizer que nascemos com as duas formas, e dependendo das interações que temos durante nossa vida, potencializamos uma forma ou outra.

(SOLER, 2008 p. 47)

Sendo assim, é possível compreender que a cultura humana não é competitiva; Ela está competitiva, o que é bem diferente.

Por meio da estrutura social são adquiridos comportamentos cooperativos ou competitivos, podemos considerar que a família e a escola, por exemplo, tem um papel determinante nesse processo. Dessa forma ao modificar o comportamento nos jogos ou recreações oferecidas nas escolas estaremos criando possibilidades para transformar

atitudes em nossas vidas, além do jogo. Para Orlick (1978, p.107), “[...] o mesmo poder que têm os jogos de impedir que as pessoas sejam honestas e amorosas pode ser invertido para estimular esses comportamentos”.

A competição exagerada consciente ou inconscientemente está tornando a sociedade cada vez mais egocêntrica, onde cada um está focado nos seus interesses e objetivos independentemente do que seja necessário fazer para alcançá-los.

Como afirma Deutsch (1972), em relação a uma situação onde para que um indivíduo alcance seus objetivos é necessário que os outros sejam incapazes de atingir os deles, caracterizando assim, uma situação competitiva.

Quando um indivíduo ou grupo tem como objetivo um melhor resultado em relação ao outro, é gerada a oposição, que poderá resultar em competição ou conflito.

A crença de que a natureza humana é competitiva contrapõe-se a compreensão da teoria Darwiniana da Seleção Natural das espécies, uma vez que existem evidências como o caso dos ancestrais citados por Mead (apud Brotto, 1997) referente a cultura dos índios Zuni e os Bathogas, na África do Sul que não utilizam a competição em seus sistemas econômico, educacional ou recreativo. O que demonstra ser a cooperação e não a competição, o lema básico da natureza, conforme Marvin Bates (apud Khan, 1999).

Quanto melhor um indivíduo se adapta ao meio ambiente em transformação, maiores são suas chances de sobreviver e se reproduzir, não quer dizer que o melhor modo de adaptação seja a competição. Pelo contrário, *“Charles Darwin afirmou, claramente que, para a raça humana, o valor mais alto de sobrevivência está na inteligência, no senso moral e na cooperação social”* (Brotto apud Orlick, 1989).

Lewis Thomas (apud Capra, 1982) destaca que, na dimensão biológica da vida, a tendência para o estabelecimento de vínculos para viver uns dentro dos outros e cooperar é uma característica essencial.

Diante dos estudos bibliográficos encontrados nas áreas de Psicologia, História e Educação, é possível perceber que a maior parte das relações entre organismos vivos são, em sua essência, cooperativas, caracterizadas pela coexistência, interdependência e simbiose em vários graus.

De acordo com Capra (1982) é importante ressaltar que embora haja a competição, esta ocorre, num contexto mais amplo de cooperação, de modo que o sistema maior é mantido em equilíbrio.

O fato de existir dentro da espécie humana a agressão excessiva, a competição e o comportamento destrutivo, não quer dizer que devem ser aplicados como fenômenos

naturais, mas sim como valores culturais, pois uma vez que a estrutura social é fator determinante dentro de uma sociedade é ela que vai caracterizar se uma sociedade irá competir ou cooperar.

Do mesmo modo que algumas culturas utilizam a cooperação há outras em que a disputa ocorre a todo instante. Segundo Brotto *apud* Orlick (1978), os “Dobuans” desconfiam de todo mundo, a quem tratam como possíveis inimigos. O sucesso de um vem as custas dos outros. Para eles parece que a vida é uma luta entre protagonistas mortais, que são colocados frente a frente pelo concurso de bens materiais.

Sendo assim, percebe-se mais uma vez que a competição não é da natureza humana, mas sim variável de uma cultura a outra, obtendo-se o processo de constante aperfeiçoamento humano na direção de objetivos superiores podendo tomar um caminho positivo ou negativo, segundo Brotto (1997):

Positivo: Se traduzido em preocupações e interesse pelo bem estar dos outros. Luta pelo crescimento, desenvolvimento e habilidades e pela procura de um modo de vida superior.

Negativo: Se os indivíduos lutam pela superioridade pessoal e desejam dominar os outros.

Os estudos de Deutsch (1972), sobre a cooperação no campo da Psicologia Social, fornecem evidências relacionadas aos indivíduos em pequenos grupos quando colocados diante da necessidade de alcançar metas, ou solucionar conflitos como pode ser observado no quadro em anexo.

Ao observar o quadro percebe-se que na situação cooperativa o compromisso com o objetivo do outro é tão importante quanto o objetivo pessoal de cada jogador. Já na situação competitiva o objetivo individual dos jogadores torna-se mais importante que os demais se obtendo um grupo menos homogêneo quanto a participação de cada integrante.

Essa questão de satisfação individual está cada vez mais forte cada um tenta ao máximo realizar seus objetivos e quando não conseguem transferem a outro membro da família. Como é o caso de pais, por exemplo, que gostariam de seguir uma determinada profissão e não conseguiram e passam essa responsabilidade para os filhos “sem se importar” se eles estão ou não satisfeitos. Para uma melhor compreensão dessa questão da transferência de desejos a visualização da tirinha em anexo faz-se necessária.

A criança precisa aprender a perder?

“Aprender a perder não significa especializar-se em perdas”. (SOLER *apud* BROTTTO, 2008 p. 48).

Na sociedade em que vivemos confundimos competência com competição. De acordo com Ferreira (2000) competência significa capacidade, aptidão; e competição significa ato ou efeito de competir.

A correria do dia-a-dia, as dificuldades e as comparações entre quem é melhor ou mais qualificado tem contribuído bastante com o não discernimento entre o significado de competência e competição. Visto que a competência é a aptidão com determinada área ou atividade em execução, é a habilidade de lidar com o que está fazendo. Já a competição é a disputa para “ver” quem é o melhor, quem faz melhor.

A busca desenfreada pelo sucesso cada vez mais está fazendo prevalecer disputa, pois a ideia de que para vencer vale tudo está fazendo com que muitas pessoas façam uso da desonestidade para o alcance de seus objetivos.

Precisamos ajudar as crianças a desenvolver suas competências sem prejudicar o outro, trabalhando o respeito, fraternidade e solidariedade de forma lúdica e altamente compensatória. Soler (2008, p.48) afirma que: “O sucesso e a competição são coisas distintas, pois posso trabalhar e ter sucesso sem precisar impedir que outras pessoas obtenham também sucesso em alcançar seus objetivos”.

Através dos jogos competitivos é possível desempenhar o valor educacional, pois ensinam a lidar com a competitividade existente dentro de nós. Compreender a competição e as emoções relacionadas a elas em um ambiente assistido no espaço da aprendizagem é uma oportunidade para que as crianças passem a lidar com a realidade do mundo competitivo de maneira mais serena e equilibrada. Afinal, a competição pode gerar diversos conflitos e emoções desagradáveis. Pode levar à comparação, frustração, ao sentimento de vitória ou de derrota, à exclusão. Quando bem encaminhada, a competição pode contribuir para ajustar a percepção destes momentos à sua verdadeira dimensão íntima, visando ao equilíbrio. No ambiente competitivo, bem administrado, também estão presentes as necessidades do respeito, a superação de limites e amizade.

A competição, quando boa, leva o indivíduo a sair do seu estado de “inércia”, passando a ir em busca de novas metas, de melhorias. Por exemplo, se para conseguir determinada vaga de emprego a pessoa precise dominar outro idioma, naturalmente irá

disputar uma vaga de emprego com outras pessoas e para isso é preciso estar preparado e qualificado não sendo necessário usar da desonestidade.

O ser humano está vivendo em uma sociedade competitiva e essa ambição natural existente no homem é que faz com que ele busque novos objetivos e trabalhe em prol de suas melhorias e qualificações intelectuais, sociais e profissionais.

O fato de ter um elemento desafiador dentro de um jogo faz com que desperte um interesse maior por parte dos participantes.

A competição, quando saudável, pode permitir que uma pessoa chegue a um desempenho que dificilmente conseguiria alcançar sem a contraposição de outra. Pois, segundo Schultz (1989) o que provoca a velocidade, a resistência entre os participantes é a presença de um parceiro do outro lado da quadra, o que dificilmente provocaria a mesma adrenalina se não houvesse esse parceiro. O jogo dessa forma adquire uma qualidade que vai além do ganhar ou perder.

A competição como elemento desafiador é bastante interessante desde que o fato do divertimento seja o objetivo principal, sempre sendo valorizada a questão da participação, do divertimento e da interação entre os participantes.

A “graça” do jogo está no divertimento, no envolvimento, no prazer em jogar com o outro e não apenas na vitória.

É preciso que haja a competição, uma vez que os seres humanos de um modo geral vivem dessa forma. O que precisa ser cuidado é a questão do respeito pelo outro e o exercício da competência e da honestidade. “O conflito é um processo natural e necessário em toda sociedade humana, é uma das forças motivadoras das transformações sociais e um elemento criativo essencial nas relações humanas.” (ARENAL, 1989 p.26).

A competição torna-se prejudicial quando há tentativa de trapacear quando ocorre um gasto excessivo de energia para ganhar, quando representa a diminuição do adversário. Quando isso não ocorre, ela pode ser bastante positiva, preparando a pessoa para a competitividade da própria vida, às vezes expressa pela chamada “seleção natural” que diz que quanto melhor o indivíduo se adapta ao meio ambiente em transformação, maiores são suas chances de sobreviver e se reproduzir, não implica necessariamente, que o melhor modo de adaptação é a competição. Segundo, Mead (apud Orlick, 1989 p.19) “ É a estrutura social que determina se os membros de uma determinada sociedade irão competir ou cooperar entre si”.

Cabe ao ambiente escolar, enquanto formador de cidadãos, o olhar cuidadoso, para saber aplicar situações de competição e cooperação aos seus educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar.** São Paulo: Projeto cooperação, 1995.

ORLICK, T. **Vencendo a competição.** São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

SOLER, R. **Brincando e Aprendendo com os Jogos Cooperativos.** Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

[http:// www.btdt.ibict.br](http://www.btdt.ibict.br). Acesso em 11/04/2010.

<http://www.projetcoperacao.com.br>. (Acesso em 14/05/2010)

ANEXOS

SITUAÇÃO COOPERATIVA	SITUAÇÃO COMPETITIVA
Percebem que o atingimento de seus objetivos, é parte, conseqüência da ação dos outros membros.	Percebem que o atingimento de seus objetivos, é incompatível com a obtenção dos objetivos dos demais.
São mais sensíveis as solicitações dos outros.	São menos sensíveis as solicitações dos outros.
Ajudam-se mutuamente com maior freqüência.	Ajudam-se mutuamente com menor freqüência.
Há uma maior homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.	Há uma menor homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.
A produtividade em termos qualitativos é maior.	A produtividade em termos qualitativos é menor.
A especialização das atividades é maior.	A especialização das atividades é menor.

Quadro 1: Situação cooperativa e situação competitiva

Fonte: Brotto (1997, p.45)



Imagem 2- Fonte: Brotto (1997, p. 37)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

Caro/a Professor/a

Estamos fazendo uma pesquisa de Iniciação Científica que visa identificar o conhecimento em jogos cooperativos e a sua utilização na Educação Infantil.

Desde já, agradecemos a sua valiosa colaboração, respondendo às questões abaixo.

A equipe

1º) Você já ouviu falar em jogos cooperativos?

() SIM () NÃO

2º) Como se trabalha jogos Cooperativos na Ed Infantil?

3º) Já fez algum curso ou teve aula sobre jogos cooperativos ?

() SIM () NÃO

4º) Caso sua resposta nº 1 tenha sido afirmativa, com que frequência você trabalha com jogos cooperativos?

5º) Como você avalia o desenvolvimento e a interação das crianças na prática dos jogos cooperativos?

6º) É importante competir?

() SIM () NÃO

7º) Na sua opinião é necessário inserir na prática pedagógica o trabalho cooperativo entre as crianças? Por quê?

8º) No seu planejamento semanal é inserida atividades com jogos cooperativos?

9º) Quais são os jogos cooperativos mais aceitos pelas crianças?

10º) Qual o efeito mais significativo causado pelos jogos cooperativos entre as crianças?
